

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$000
ANO IV

MELGAÇO, 1 de Novembro de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 11

Acto eleitoral de 13 do corrente

No próximo dia 13, volta o país às urnas, para se elegerem os novos deputados à Assembleia Nacional.

Cinquenta por cento dos deputados propostos pela União Nacional nunca tomaram parte nas lições parlamentares, renovando-se, desta maneira, os quadros da Assembleia.

Alguns, mesmo dos próprios deputados, agora propostos pela U. N., não pertencem aos seus quadros e foram adversários desta situação na última campanha, certos nomes.

O jornal, porque católico, não toma parte na campanha eleitoral, pois não está em causa a Igreja. Como, porém, é, também, órgão regionalista, não pode desinteressar-se dos problemas da terra e, portanto, dos que não de representá-la no Parlamento. E nota, com indecência, o seguinte facto: por Viana do Castelo foram propostos quatro deputados e, destes, um é natural do Distrito, outro está ligado ao Distrito, onde passa épocas ao contacto com a lavoura e a vida rural, pelo casamento com uma das famílias mais representativas de Viana. São o Eng. José Silva Dias e Coronel Frederico Villar. Os dois restantes não pertencem ao Distrito, enquanto por Coimbra e Braga estão propostos dois valores do Alto Minho: Dr. Pacheco de Amorim e P.e Domingos Basto (Santa Cruz), ambos de Monção.

Somos amigo de todos os candidatos, propostos por Viana, e ligamos laços, diria fraternos, ao Coronel Frederico Villar e ao Dr. Lopes da Fonseca. Isto não impede a nossa independência.

É natural — julgamos até que foi o que sucedeu — que se verificasse o mal que Salazar apontou no discurso, havendo, «que recorrer a funcionários» pelo facto de os proprietários e lavradores da nossa terra não poderem aceitar.

Para defender a família é necessário sentir o calor da mesma.

O nosso Distrito tem valores e é necessário que sejam aproveitados ou que eles se não escusem aos encargos.

Nos distritos de Portalegre e Castelo Branco apareceram listas de opposição, onde figuram os nomes nacionais de Cunha Leal e Pequito Rebelo.

Só nestes distritos, portanto, é que os católicos são chamados a ponderar maduramente por quem não de votar, qual a lista que inclui os nomes que melhor defenderão os direitos de Deus e da Igreja. Nos restantes, distritos do país a lista é única e, portanto, torna-se fácil a eleição para quem propõe os candidatos e para quem elege.

O nosso jornal lembra aos católicos que a As-

sembleia é constituinte e, portanto, reveste-se de alta responsabilidade. Chamamos, pois, a atenção dos católicos para o facto e só é pena que os católicos não possam consignar no seu voto tudo quanto ele representa e exige.

Como católicos temos de medir toda a responsabilidade do nosso voto e esperar que no-lo compreendam, e, como cidadãos, temos direitos e deveres ante as urnas.

Estamos certos dos resultados das eleições e fazemos votos, já que os deputados são propostos por círculos, por que os deputados, propostos pelo Distrito de Viana, encarar bem os interesses da terra e do homem, a fim de que jamais possamos arrependê-los de termos ido às urnas.

JÚLIO VAZ

CONGRESSO CATEQUÍSTICO DE MELGAÇO

Sob a alta direcção, pessoal, amigável, e vigorosa de Sua Excelência Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, vão os diferentes arceprestados da gloriosa Arquidiocese realizando sucessivamente os seus Congressos Catequísticos.

Esta é de facto uma das primeiras grandes preocupações do venerando Pastor que, há anos já, organizou os certames catequísticos de tão profundos resultados.

No dia 22 do corrente realizou-se o de Melgaço. Foram convidados todos os rev.ªs párocos, as Sras Catequísticas e Professores do arceprestado. Nesta obra da catequese, são estes os mais próximos colaboradores do primeiro responsável nas dioceses, o Ex.ª Prelado.

De manhã, precisamente às 10,30, acompanhado do rev.ª reitor de Creixomil, certamente o pároco mais categorizado na Arquidiocese em assuntos de pedagogia catequística, dava entrada na residência paroquial da vila S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz.

Com todo o clero do arceprestado presente, e só

(Continua na 3.ª página)

Deputador, propostos por Viana

Coronel Frederico Villar

Por a nosso pedido nos terem sido fornecidos pela Secretaria do B. S. de C.F. alguns dados da vida deste oficial, publicamos mais desenvolvida informação:

Frederico Maria Magalhães Meneses Vilas Boas Villar — Coronel de Engenharia — Nasceu a 15 de Outubro de 1892 na freguesia de Santos-

Dr. José Silva Dias, engenheiro pela Universidade de Lovaina, Bélgica. Director Técnico da Emissora Nacional, deputado e secretário da última Assembleia Nacional.



Dr. Lopes da Fonseca, antigo ministro da Justiça sob a presidência do General Domingos de Oliveira, com quem visitou oficialmente o nosso Conselho, tendo proferido brilhantíssimo discurso na Câmara Municipal.



-o-velho do 4.º Bairro de Lisboa, filho de Luís Villar e de D. Maria do Carmo Correia de Magalhães ligado portanto às mais antigas famílias do Minho e da Beira, cursou no Liceu da Lapa e na Escola Politécnica, possui o curso de Engenheiro electricista do I.S.T. e o curso de Engenharia Militar da Escola de Guerra.

É casado com D. Maria Inácia da Purificação Pereira de Castro Vilhena.

Foi alistado no Exército em 1913, promovido a Alferes em 1917, a Tenente em 1919, a Capitão em 1923, a Major em 1932, a Tenente Coronel em 1945 e a Coronel em 1948. Fez parte do corpo Expedicionário Português à França.

Safu para o 18 de Abril á frente do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro.

Tomou parte no 19 de Julho.

Foi um dos organizadores do movimento de 28 de Maio no Norte, visto ter sido mandado para a

(Continua na 4.ª página)

Dr. Elísio Pimenta, advogado, conservador do Registo Predial, em Monção, e antigo Presidente da Câmara de Melgaço.

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

NO TEMPO E A AGRI-CULTURA

Procede-se às sementeiras de centeio e o tempo para estas, bem como para as pastagens, decorre excelente.

MERCADO SEMANAL

No mercado semanal realizado em 22 do corrente os gêneros custavam:

Milho, alqueire de 30 litros, 78 e 84\$00 (algo verde comprava-se a 72\$00, igual medida); centeio, idem, 90\$00; feijão branco, medida de 5 litros, 25\$00; feijão mistura, idem, 20\$00; feijão frade, idem 15\$00; castanhas, idem, 8\$00; nozes, cento, 4\$00; batatas, quilo, 2\$00; cebolas, resta (2 quilos aproximadamente) 2\$50; galos de 25 a 30\$00; galinhas desde 20 a 25\$00; frangos desde 10 a 15\$00; e ovos a 13\$50 a dúzia, com tendência para subirem.

OS GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

Na correspondência de Vila Nova da Cerveira, datada de 16 do corrente, para «O Comércio do Porto» lê-se:

«Nesta vila e todo o concelho continua a falta de açúcar, arroz, bacalhau e ultimamente de petróleo, mas este quem o pretende vai comprá-lo à vizinha freguesia de Lanhelas, do concelho de Caminha. Os outros gêneros só chegam às mãos dos ricos e remediados que os adquirem no mercado negro: o arroz à razão de 12 escudos o quilo; o bacalhau a 18 e a 20\$00; o açúcar de 20\$00 para cima...»

Tenham paciência, srs. cerveirenses! — Tenham paciência porque em Melgaço, se excluirmos o petróleo, que graças a Deus ainda não faltou, passa-se, mais ou menos, a mesma coisa.

O açúcar de Setembro só em 20 deste mês é que foi distribuído; quanto ao arroz do referido mês estamos a 27 e ainda se não sabe quando o será.

— Dizem nos, mas não acreditamos, que o milho que veio de fora está a ser vendido ao preço de 3\$50 o quilo. Sendo assim, co-

mo é que os fabricantes de boroa a poderão vender ao preço da tabela oficial, ou seja a 2\$40 o quilo? — Impossível...

NASCIMENTOS

Deu à luz um robusto menino a sra. Amélia Fernandes de Almeida, desta vila.

— Também no dia 7, foi enriquecido com um interessante menino o lar do sr. Augusto Domingues e de sua esposa sra. Judite de Melo Domingues, desta vila.

— Também as sras. Maria da Silva e Ana da Silva, ambas desta vila, tiveram, cada, um menino. Pormenor curioso!... Todos os rebentos são do sexo masculino.

CASAMENTO

Na Matriz desta vila realizou-se o casamento da sra. D. Maria Guizele de Sousa, com o sr. Aprigio de Abreu Cerqueira, conceituado comerciante da nossa praça.

Paraninfaram o acto: por parte da noiva a sra. D. Ernestina de Sousa e o sr. Adolfo Pinto Vieira, respectivamente irmã e cunhado da nubente; e por parte do noivo, seus irmãos, sr. António de Abreu Cerqueira e Margarida Augusta de Abreu Cerqueira.

Ao novo casal cristão desejamos um lar muito venturoso e as felicidades de que são dignos.

PARTIDAS E

CHEGADAS

Em visita particular, esteve entre nós o sr. dr. Cirne de Castro, meretíssimo Governador Civil do nosso distrito.

— Com sua virtuosa esposa, esteve entre nós, director da Empresa Hidro-Eléctrica do Barosa, sr. Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva.

— Após terem passado a temporada do Verão nesta vila, regressaram ao Porto as sras. D. Alice Vieira de Andrade e Oliveira e D. Olinda de Andrade Meireles.

PRÓ HOSPITAL

Parece que um grupo de briosos e dinâmicos ra-

pazes desta vila tencionam levar a bom termo uma simpática festa desportiva que consistirá de corrida e ginástica de bicicletas, cujo produto revertirá em benefício do nosso hospital que tão carecido está de auxílio financeiro.

Abençoada e humanitária iniciativa! Oxalá que ela se transforme em breve em pura realidade e que o civismo dos melgaçenses, dignos deste nome, a saiba compreender, contribuindo cada um com o mais que puder.

Repetimos: — a iniciativa é abençoada e humanitária; merece ser acarinhada e levada avante por todos.

Por isso, rapazes, mãos à obra! — Se não se conseguir, XX de receita consguir-se-á X. Tudo quanto se apurar, a Santa Casa agradecerá.

Se por acaso no caminho da vossa empreza surgirem derrotistas, que para mal de nossos pecados pululam por cá, enviai os seus nomes ao «Crônista da Vila» que pespegará com eles na galaxia dos ridículos.

Avante, pois, pelo hospital!

FESTIVIDADE

No pretérito dia 23, realizou-se no lugar de Crastos, Paderne, a costumada festividade em honra de Nossa Senhora de Guadalupe. Constatou de missa solene, sermão e procissão.

Apesar de ter sido abrihantada pela distinta Bandada dos Bombeiros Voluntários deste concelho, esteve pouco concorrida porque o tempo o não permitiu. Choveu continuamente.

CONSELHOS ÚTEIS

O mês de Novembro, graças a Deus, não é mês de contribuições.

Nas hortas e nos campos é agora ótima ocasião para se semear: — alfices de inverno, beterraba para salada, cebolas, centeio, cenouras (só no princípio do mês), couves diversas (excluindo bróculos e couve-flor) ervilhas, favas, giestas, nabichas, penicso, rabanetes, tójos, salsa, etc. Plantam-se alhos e morangueiros.

— Se é solteiro e pretende casar ainda este ano,

faça-o antes de 27 de Novembro, pois que não há bênçãos desde o 1.º Domingo do Advento até ao dia de Reis, em que são proibidas.

Em vindo S. Martinho, espregite o teu pipinho.

Gave, 17

As obras da Residência Paroquial continuam. Trabalha-se na aquisição das madeiras. Cremos que ninguém faltará com a sua oferta. Avante, pois!

— No passado dia 28 chegou a esta freguesia o sr. Manuel Lourenço, que se encontrava em terras de S. Luís. Boas vindas.

— Faleceu no pretérito dia 18 confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja, o sr. Luís Alves, de 84 anos de idade, e ex-comerciante desta localidade. O seu funeral, realizado no dia seguinte, foi muito concorrido. Paz à sua alma e aos doridos sentimentos de pesar.

— Até que enfim! A almejada chuvinha agora sempre nos mimoseou com umas belas enchentes. Já veio tarde, mas... vale mais tarde do que nunca.

— Srs. lavradores! Terminadas as vindimas deve podar-se nos sítios de geadas e estrumar as raízes das árvores.

— No dia um p. p. abriu a caça, desporto, hoje, de muitos apaixonados.

Este ano é só apontar... — A maior parte dos caminhos estão uns perfeitos córregos e quase intrasitáveis.

Lembramos a quem de direito uma renovação...

— Realizar-se-ão, brevemente, os seguintes consórcios, entre:

Artur Rodrigues e Maria Rodrigues; e Ernesto Domingues e Ermezinda Rodrigues.

— Ninguém terá compaixão daquele fontanário que está no centro da freguesia? Vamos... — C.

Prado, 23

Com o nome de Manuel Joaquim Elias, foi baptizado em 25 do mês findo, na Paroquia desta freguesia, um filho do sr. José Fernandes da Silva e de sua esposa sra. Glória Elias da Conceição

naturais do concelho de Ponte da Barca e residentes no lugar dos Bouços.

— Na noite de 12 para 13 do corrente, no lugar da Serra, mesmo de frente à porta do correspondente, travou-se renhido combate de galos... Distribuíram-se sopapos por uma pá velha.

Agora tem a última palavra a Justiça.

Ora os valentes!

— Encontra-se enferma a sra. D. Hermezinda Solheiro Esteves mãe e amantíssima do nosso prezado amigo sr. Orlando Solheiro Esteves. Desejamos o seu pronto restabelecimento.

— No dia 20, realizou-se o enlace matrimonial da sra. D. Maria Teresa Ribeiro com o sr. Emídio de Castro, ambos da Corredoura.

Paraninfaram o acto por aubos os nubentes, o industrial de sapataria sr. José Rodrigues Lima Teixeira Júnior e a menina Maria Júlia Dantas.

Desejamos-lhes uma perene lua de mel e um lar muito venturoso.

— Desde 15 de Setembro que não recebemos o nosso querido quinzenário, estando nas mesmas condições o sr. José Gonçalves Pereira. Ao encarregado da distribuição pedimos a fineza de verificar qual é a mola que não funciona e repará-la se lhe for possível — C.

S. Paio, 23

De todas as freguesias de Melgaço, é S. Paio que precisa de mais melhoramentos, tais como abastecimento de água à Carpinteira, Carreira, Cavaleiro-Alvo, Nogueiral, Ponte e Veiga; e reconstrução dos caminhos da Costa-S. Paio Requeijo-Cavaleiro-Alvo, Costa-Barata-Granja e Ponte-Devesa. A Junta deve mencionar isto nas suas actas.

— Os montes particulares estão a ser desvastados por uma onda de patifes que mereciam ser reprimidos. A G. N. R. fica pedida a sua acção.

— Teve a honra de nos dar o prazer de ser assinante deste jornal o sr. António Augusto Gomes, do lugar da Carpinteira, desta freguesia. — C.

Nas alturas de Castro Congresso Catequístico Loduvina Laboreiro

Uma visita a Castro é sempre um encanto. As belezas naturais, o contraste dos cenários — o vale, a encosta, a serra — e, isto, em tardes luminosas é de arrebatador a imaginação e os olhos.

Seguindo, porém, uma tradição, já remota, em 1 e 2 de Outubro lá estamos com o afamado grupo «Ferro e Aço, Pux'ó Bravo», que, este ano, por razões fortes de sentimento, foi desfalcado do leal amigo e camarada, Armando Solheiro. Tivemos imensa pena, mas razões são razões.

A viagem faz-se, impreterivelmente, no dia 30. Bela tarde outoniana.

A viagem de Melgaço a Castro é sempre um recordar de velhas lembranças de amigos, de famílias conhecidas, de lugares saudosos.

Pela estrada, alguns trabalhadores, automóveis de turismo, um ou outro amigo. Castro à vista.

Vejo obras na igreja paroquial, novas casas ao longo da estrada e, era dia de feira, movimento na vila ancestral.

Aparecem-nos alguns guardas fiscais que outrora visitavam a nossa casa da Adedela e que vão recordando os mortos que foram sempre a vida daquela casa. É o Zé Carteiro, é o Lourenço, é o Darlindo.

A Ti Ana Macheta está pronta a receber em sua moderna pensão os hóspedes, os caçadores, desta época.

O Augusto Meixeiro, dos Lourenços, já ordenou tudo para que nada falte aos caçadores. E a Ti Ana, muito praseiteira: «Viva. Deus os traga com boa saúde».

Não podíamos esquecer o P.e Anibal, o grande revolucionário de Castro — e lá fomos à residência:

— Já viu a Igreja? diz-nos.

— Só de fora. Logo vê-la-ei.

— As obras vão para a frente e pensamos, muito a sério, na água para a vila e no restauro do castelo.

— E o pelourinho? inquiri.

— Será, a seu tempo, colocado no lugar devido e, desta maneira, a vila de Castro vai recuperando os sinais característicos de sua ancestralidade.

O dia amanheceu triste e retardou a saída aos caçadores.

A caçada, porém, decorreu com normalidade e com

(Continuação da 1.ª página)

para ele, ia dar-se início à leitura e discussão de relatórios, sobre a catequese nas paróquias.

Optou-se por que um dos rev.ºs párocos lesse o seu e, simultaneamente, capítulo por capítulo, fossem estudados todos os problemas referentes à catequese, nas diferentes freguesias.

Foram duas horas de alto prazer espiritual, em que os diferentes Pastores contavam os seus trabalhos, os seus métodos, os seus frutos e experiências.

Todos se puseram em frente das grandes e duras realidades do arcepastado: lugares distantes, a 5, 10 e 15 quilómetros da Igreja paroquial, negligência de muitos páis, primorosa colaboração do ilustre Professorado, etc. etc.

Sob a presidência do Venerando Pastor, que tudo dirigiu, intervindo paternalmente em todos os debates, de orgânica, métodos, material, colaboração de catequistas, etc. etc., foi o rev.º pároco de Chaviães, sr. Padre António Domingues, cuja obra pastoral é notável, quem tomou a palavra, expondo os seus trabalhos,

(Continua na 4.ª página)

o agrado de bons caçadores.

Do alto dos montes extasiava-me a admirar as belezas daquelas serras; altivas, dentuças, magestosas, recortando-se no espaço, que no dia 2 era claro e luminoso. Belo dia de sol que valeu por uma quinzena de praia no mês de Agosto.

No dia 2 à noite regressamos à vila no sempre rápido automóvel do António Ferrador. Terminava mais uma jornada cinegética em Castro, que deixa sempre saudades, ainda que custe sacrifício.

Daqui não podemos esquecer as provas de amizade dessa boa gente de Castro, do Aurélio Rodrigues, em Portelinha, e do sempre gentil e dedicado Zé Carteiro, velho amigo e bom funcionário.

E, se Deus quiser, até breve.

Cronista

Martins

Dentista

Consultas em Monção

todas as Sextas e Sábados

Assine, propague e anuncie em

"A Voz de Melgaço"

Vai fazer trabalhos

tipográficos?

«Não deixe de consultar os preços da tipografia do

«Diário do Minho»

FOLHETIM DE «A VOZ DE MELGAÇO» (5)

REI OU IMPOSTOR?

CRONICA PORTUGUESA por J. T.

Não foi mui festivo em Portugal o dia de S. João Baptista, 24 de Junho de 1578. Mais de ano e meio de súplicas e conselhos, do povo, dos grandes, dos generais, dos ministros, dos embaixadores de Espanha não tinham conseguido desterrar do espírito do rei o projecto daquela infausta expedição à África. Em quanto a nação inteira gemia com tantos sacrificios, para que um moço fogoso e inexperiente convertesse em obra o seu destemperado capricho, D. Sebastião, desprezando os clamores e voz unisona do país, respondia-lhe com violentos preparativos de guerra. Entretanto as diligências do monarca pareciam encontrar por toda a parte a má vontade de todos. Os negócios não

tinham a rápida expedição que ele desejava, e os resultados foram bem longe de corresponder ao seu empenho.

Digam-no as poucas forças que conseguiu alistar, e o dinheiro que a custo obteve.

Já seis meses antes da expedição partir, tinha D. João da Silva, embaixador de Espanha na corte de Lisboa, calculado, e bem, o que D. Sebastião alcançaria.

Em 16 de Janeiro de 1578, dando conta a Filipe II, das obstinadas recusas com que seu sobrinho desdenhava os conselhos de não passar a África, resumia nestas poucas palavras a relação e a crítica dos elementos com que ele queria aventurar-se a uma empreza de tamanha importância: — «Las fuer-

zas, que lleva, bien se pueden adivinar, que seran ocho, o diez mil portugueses visosos, y forzados, (aunque ellos hazen cuenta de doze mil) y los tres mil italianos, que levanta en Florencia, que tambien seran visosos; los cabos desta gente nunca vieron inimigo en la campaña; tan poco tiene cabeza superior, que gobierne su campo con alguna experiencia. En lo del dinero todavia le veo hasta seicentos mil ducados, que parece se podran embolsar con alguna brevedad; dascientos y tantos de la contribucion de los christianos nuevos; ciento de los clerigos, otros ciento del asiento con aquel Fulano Revelasca, y ciento, que los contratadores de su pimienta le compran de juro; y a esto se añade otro tributo que pagava esta ciudad, y lo que mas pueda, que todo esto junto importará lo que he dicho, pero da-se un barreno a la subsistencia de todo el reyno».

D. João da Silva acertava no calculo. A armada em que mais tarde D.

Sebastião se embarcou com o exército para Africa, composta de oitocentas velas, galeões, urcas, caravelas e outras, e que no dia 24 de Junho de 1578 descera o Tejo, de Lisboa até ao convento de Santa Catarina de Ribamar, e no seguinte saíra a barra, e se entregaria ao Oceano, não levava mais de dezoito mil combatentes: — nove mil portugueses; quatro mil tudescos, capitaneados por Martin de Borgonha, senhor de Tamberg; tres mil castelhanos, governados por D. Alonso de Aguiar; e seiscentos italianos, pelo marquez de Lenster, Thomaz Stukeley, inglês católico.

Na primeira quinzena de Julho, depois de tocar no Algarve, nas costas de Espanha, e em Tanger, onde tomou a Muley Hamet com alguma da sua gente, passou a armada a fazer aguada em Arzila, com o intento de seguir a Lavache, e ganhar com esta praça um porto seguro para si, e uma base de operações para o resto da empresa.

Entretanto, a água que se podia recolher em Arzila, nem dava para o consumo diário, quando se precisava de um abastecimento ao menos para quatro dias, um que se gastaria na viagem, e tres na primeira entrada em terra. Em tais circunstâncias a dificuldade era invencível, e o considerar nela trouxe outra consideração não menos amarga, qual a dificuldade que também o mar e a boa defesa do porto oporiam ao desembarque em Lavache. Foi tudo isto que resolveu o rei a desembarcar o exército em Arzila, e operar caminhando por terra.

(CONTINUA)

Deputados por Viana

Continuação da 1.ª página

Inspeção de Fortificações e Obras militares na 4.ª Divisão — Braga — logo a seguir ao julgamento da sala do risco.

Comandou o destacamento Mixto que, da Rotunda desceu ao Terreiro do Paço por Ordem do General Gomes da Costa, para limpar os Ministérios.

Por ordem superior foi mandado organizar o Destacamento Mixto do Forte de Almada.

Com o fim de reorganizar o Batalhão de Sapadores Bombeiros foi nomeado seu Comandante por ordem do General Vicente Freitas.

Fez parte da 1.ª comissão encarregada de estudar o novo plano de uniformes para o Exército, depois do advento do 28 de Maio.

Fez o estudo e cálculo das viaturas que foram executadas na Fábrica Mercedes — Alemanha ainda hoje em uso no Batalhão de Sapadores Bombeiros.

Foi Comandante da Ilha Militar da Madeira em 1937.

Tomou parte na tomada de Badajóz na guerra civil em Espanha.

Comandou a Milícia da Mocidade Portuguesa.

Fez parte de uma comissão de oficiais que se deslocou à Alemanha na última Grande Guerra, tendo sido ferido por estilhaços de uma bomba incendiária de avião num Aeródromo da Rússia próximo de Kursk tendo sido tratado no Hospital de Campanha (Kriegs-Lazarett) o 2.º Exército Alemão e depois no de Tempelhoff.

Comanda o Batalhão de Caminhos de Ferro, desde princípios de 1943.

Não contando os muitos louvores que recebeu, coronel Frederico Villar possui as seguintes

CONDECORAÇÕES:

— Medalha Comemorativa de França de 1917-1918.

— Medalha da Vitória.

— Distintivo correspondente à Torre de Espada concedida ao B.S.C.F.

— Medalha Militar de Prata da Classe dos Bons Serviços.

— Medalha Militar de Ouro da Classe dos Bons Serviços.

— 1.ª Classe da Ordem de Mérito Militar, Distintivo Branco, com que foi agraciado por Sua Mage-

tade o Rei de Espanha.

— Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo.

— Medalha de Prata da Classe de Comportamento Exemplar.

— Oficial da Ordem Militar de Aviz.

— Cruz de Mérito da Águia Negra da Alemanha.

— Comendador da Ordem de Instrução Pública.

— Cruz de Mérito da ordem de Águia Alemã (2.ª Classe) com espadas.

— Comendador da Ordem Militar de Aviz.

— Medalha de dedicação de Ouro da Legião Portuguesa.

— Mérito Militar — Ouro.

Ministério da Economia

DIRECÇÃO GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Diógenes Carlos Loureiro Machado Palha, Engenheiro Chefe da 2.ª Repartição da Direcção Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal «SACOR» requereu licença para instalar um depósito subterrâneo de gasolina de cinco mil litros de capacidade e respectiva bomba automeçidora, incluído na 2.ª classe com os inconvenientes de perigo de incêndio, situado na Estrada Nacional, 301 cruzamento com a Estrada Nacional, 20, em Melgaço, freguesia de Santa Maria da Porta, concelho de Melgaço, distrito de Viana do Castelo.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6, em Lisboa.

Lisboa, aos 10 de Outubro de 1949.

O Engenheiro Chefe da 2.ª Repartição.

Diógenes Carlos Loureiro Machado Palha.

CONGRESSO CATEQUÍSTICO FRANCO em Portugal

(Continuação da 3.ª página)

métodos, orgânica, recrutamento de catequistas, idade de catequese, meios, etc. etc.

Também foram vivamente apreciados os relatórios dos rev.ºs párocos de Castro Laboreiro e Fiães pela enormíssima distância de alguns lugares da igreja e pela organização de centros de catequese naqueles aglomerados.

Pelo interesse e respeitosa à-vontade, com que todos os assuntos foram tratados, estas duas horas foram muito rápidas. E era preciso almoçar.

Às 14,30 já S. Ex.ª Rev.ª regressava do Peso, e dava-se início à sessão da tarde, na Igreja matriz, com as sr.ªs Catequistas, Srs. Professores, e todo o rev.º e zeloso clero do arceprelado, Presidiu S. Ex.ª Rev.ª.

Aberta a sessão pelo Senhor Arcebispo que pronunciou uma breve e formosíssima alocução sobre o ensino da catequese e os presentes congressos, foi dada a palavra ao rev.º Reitor de Creixomil, Senhor Padre Freitas Leite, que historiou o funcionamento da sua catequese com oitocentos alunos e várias dezenas de professores.

Foi uma grande e formosíssima lição, onde surpreendemos uma valorosa alma de apóstolo, generosa e ardente e a personalidade forte do Sr. Padre Freitas Leite.

Por S. Ex.ª Rev.ª, foi dada a palavra ao rev.º Padre Artur de Almeida, digno Abade de Penso que falou sobre as qualidades dum bom catequista, mestre de doutrina e eficiência de ensino religioso.

O Rev.º abade de Penso que é o venerando decano do clero de Melgaço, por todos os colegas, muito querido e apreciado, impressionou vivamente a ilustre assembleia pelo seu trabalho.

A seguir falou o rev.º Padre Carlos Vaz sobre o que se tem feito e urge fazer no arceprelado, em matéria de ensino catequístico: — obrigação de ensino, dias de lição às crianças e adultos, material de ensino, local, centros de catequese em lugares muito distantes, recrutamento de catequistas etc., etc.

Fez um apelo aos senhores Professores e Catequistas para um auxílio, se possível, ainda mais vasto e profundo, de maneira que todas as crianças das freguesias nas escolas e nos centros de ensino paroquiais encontrem aquela formação intelectual e moral que a Igreja e a Pátria reclamam.

E a concluir, fez os seguintes votos:

a) realização, no arceprelado, de jornadas anuais da catequese, com a presença de todas as freguesias, simultaneamente ou por grupos (desejo de todo o clero)

b) Preparação cuidadosa das comunhões solenes, das comunhões particulares e desobriga das crianças

c) intransigência e zelo dos senhores Professores de catecismo com os dias de ensino

d) a criação dum Secretariado Arquidiocesano de Catequese que oriente, e estimule superiormente o ensino da Catequese, dando normas, indicando material didático e conseguindo a preços módicos, máquinas de projecção e de filmes, bem como o aluguer destes.

Sua Ex.ª Rev.ª encerrou a sessão às 17 horas, tendo para todos os presentes palavras de sentido louvor, e carinho, incitando a novos cometimentos, nesta Cruzada do ensino religioso.

E assim, rápido, agradável e veloz, passou o dia do arceprelado...

Na sessão da tarde foi prestada homenagem ao rev.º Abade de Penso, Senhor Padre Artur de Almeida, pela vigorosa defesa dos passais e residências, após a terracada de 1910, tendo salvado alguns deles neste Concelho.

— O oratório da catequese da vila, sob a regência do rev.º pároco, cantou os hinos relatiço e da Acção Católica, antes e depois da sessão.

— O povo da Gave fez-se representar por uma Comissão, presidida pelo rev.º pároco, sr. Padre José Marques, que veio dar conta a S. Ex.ª Rev.ª dos trabalhos com a nova residência.

S. Ex.ª Rev.ª prometeu-lhes um subsídio

Foi apoteótica a recepção que a nação lusa prestou ao generosíssimo Franco na sua viagem a Portugal.

Foi recebido com honras e aplausos na cidade de Lisboa, toilhe servido um jantar de honra, seguido de recepção no Palácio da Ajuda, realizou-se, em Sua honra uma tourada à antiga portuguesa, no Campo Pequeno. Em Mafra assistiu a exercícios de fogos reais na Escola Prática; em Coimbra foi doutorado «honoris causa» em Direito numa cerimónia impressionante e empolgante.

Na véspera da partida para Espanha, esteve no Santuário de Fátima, tendo assistido à missa e comunhão (isto é que não agrada aos mações, aos comunistas e aos jacobinos) na Capelinha das Aparições.

Foi padrinho do doutoramento de Franco, em Coimbra sua Eminência o Cardeal Patriarca.

Pelo que se vê Franco não tem respeito humano nem medo dos padres, o que lhe acarreta os muitos inimigos que o perseguem.

Foi triunfal a visita de Franco à Nação Portuguesa.

Rouças, 25

Com as últimas chuvas estão excelentes as pastagens do gado nas terras de lavradio.

— Continua doente o sr. Joaquim da Verdade, simpático velhinho desta freguesia. Desejamos-lhe prontas melhoras.

— A Comissão que mandou vir milho de Lisboa, tencionia fazer a aquisição de mais 20.000 quilos, para abastecimento do povo.

— Para o Porto seguiu a sr.ª Joaquina Fernandes, dos Pérezes, que está internada no Hospital de Santo António.

— No dia 16 do corrente, foi baptizado um menino, filho de António Gonçalves e de Maria de Lurdes Marques, a que foi posto o nome de António. Parabéns.

— Está a fazer-se sentir a falta de trabalhos, para muitos pobres que tem de comprar o milho.

— C.

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO IV

MELGAÇO, 15 de Novembro de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 12

Do alto do Pernidelo Na primeira linha...

A Estrada de Paderne

«E' do conhecimento de todos a soma avultada que a nossa triste câmara tem gasto em concertos na estrada municipal de Prado a Paderne.

Próximo do lugar do Cruzeiro em Prado, gastou ela, num pequeno concerto, centos de mil reis, e não obstante isto, no lugar da Serra, a estrada está intransitável pois, quando chove, é um mar de lama!

Em Cortinhas, a estrada está pior do que qualquer caminho de aldeia, pois a cada passo se vê inundada de água e, devido aos seus estragos, tem lacunas que prejudicam consideravelmente o trânsito público.

No Barral, sitio onde se tem gasto inutilmente muito dinheiro existe um lamaçal que, só vendo-se se pode acreditar.

E a câmara, apesar de ter um cantoneiro a quem paga generosamente para fiscalizar esta estrada, não vê, não ouve as queixas que, constantemente lhe são apresentadas, porque lhe não convém e está no firme propósito de nos prejudicar.

Rezava assim um artiguelho inserto no n.º 768 do «Jornal de Melgaço» de 21 de Janeiro de 1909. Já lá vão, portanto, mais de quarenta anos!...

O citado jornal continuou a clamar sobre o estado lastimoso em que se achava a estrada, mas está não se reparou.

Passaram-se quatro anos.

A 6 de Outubro de 1913 é o «Correio de Melgaço» que, em seu n.º 18, ironicamente vem a campo chamando a atenção para o mísero estado em que pelos vistos se achava aquela artéria.

Dizia assim o tal periódico:

«Pouco faltaria para ficar intransitável a estrada municipal de Paderne.

Do Cruzeiro da Serra ao Barral é uma lindeza de lama.

Quando a chuva é forte, transforma-se num manto regato a deslizar suavemente pelos calcanhares dos transeuntes.

O aspecto é soberbo! A parte, porém, mais encantadora é defronte da Capela da Serra.

Ali, então, faz um lago que surpreende os descuidados e os poetas. A' Câmara competia aproveitar aquele belo trecho, mandando para ali uns gansos, e barcos de recreio. A seguir fotografava o admirável lago, cuja fotografia endereçava à Sociedade de Propaganda de Portugal.

Esta ao certo, acolheria, com prazer, a inapreciável oferta.

O Lago da Serra, tornar-se-ia um dos pontos culminantes do turismo em Portugal.

E' pena que os ilustres êdis não aproveitem esta ideia, de grande proveito para a terra...»

Também este jornal continuou a clamar; mas os respectivos trabalhos levaram seu tempo a efectuar-se.

Segundo se deduz duma local publicada no n.º 205 do citado «Correio de Melgaço», de 2 de Julho de 1916, a referida estrada só foi arranjada nessa altura.

Eis o teor da local:

«Agora que a estrada de Paderne está concertada convenientemente, é justo que a Câmara Municipal não descure a sua conservação. Deve insistentemente, recomendar ao cantoneiro, se o tem, não só a obrigação de limpar as valetas abstruidas como as ervas e já alguns arbustos que crescem, francamente, por toda a margem da estrada, montículos que causam péssimo efeito, demonstrativo de grande desmazelo.

(Continua na 4.ª página)

Serviços Florestais

Noticiaram os jornais que na última semana, na cidade de Viseu, se reuniram as entidades responsáveis para atenderem as reclamações da população que sofre com os Serviços Florestais.

Na nossa terra, se o caso ainda não está resolvido, as autoridades preferem o exemplo lógico de Viseu ou aguardam a defesa parlamentar?

E momento de pensar neste caso.

A LAVOURA

O nosso colega local em N. da R. escreve: «Sem dúvida que os nossos lavradores têm os olhos postos no Sr. Dr. Elísio Pimenta e, cheios de esperança, aguardam a solução que de há muito se vem tornando necessária para bem da economia portuguesa».

A nós parece-nos que, para já, o que os nossos lavradores pedem, e talvez sem muita esperança, é que as autoridades, a Intendencia, esta também pode tratar do caso, obtenham milho, muito milho, e a preço acessível para bem da economia local.

Quanto à solução do problema dos lavradores, preferimos a exposição clara das dificuldades do distinto agrônomo, Dr. António Câmara ilustre professor catedrático expostas na sua candidatura agora para deputado, porque quem apresenta dificuldades, revela inteligência, bom senso e seriedade e, conjuntamente, estudo e tentativas sólidas de bom êxito.

Semana Santa em Agosto

Com este título, Augusto César Esteves, sugerimos que o nosso amigo Dr. Augusto, censura os responsáveis pela transferência da procissão ao cemitério, no dia de Fieis De-

funtos, do dia 2 para o dia 6.

Num comentário muito sentido e amargo, escreve: «Ai do povo que olha como dia perdido o dia consagrado a rememorar os mortos!»

Esse povo precisa de ser educado e quem tem obrigação de ministrar-lhe essa educação é o pároco.

Tem razão, Sr. Doutor, mas há tanta gente que olha como minutos perdidos os que é obrigada a aplicar na assistência a missa dominical e em dia de preceito. Faltar é pecado grave e a ausência na procissão de Fieis de funtos é, apenas, falta de piedade.

E se esta gente, alguma da qual se diz católica, pois crê na imortalidade e nas preces pelos mortos, não vai à missa, como há-de o pároco educá-la?

Na igreja, impossível; na praça, fogem-lhe.

E olhe, meu caro Amigo, vale mais uma missa do que milhões de procissões ao cemitério.

Além de um dever a cumprir, em dias de preceito e ao Domingo, tem um valor espiritual infinito, a santa missa.

Se o povo não acorre no dia de Fieis é porque não tem mentalidade católica e o sentimentalismo não basta. E se não tem mentalidade católica é porque não ouve o pároco.

A culpa não pertence a este. Alguém é o responsável...

Se é para nós... e se é com intenção

O nosso colega local ao noticiar a visita dos candidatos a Deputados, a Melgaço, em N. da R., possivelmente nem do Director nem do Proprietário, publicava esta gracinha, muito forçada, a que em Lisboa, sede do Parlamento, chamam «graça saloia»: «Este modesto semanário, tão modesto que nem pode dispor de dinheiro para pagar as zincografuras que deviam enquadrar es-

ta notícia...»

Se a empresa de ocasião para maior brilho dessa reportagem não podia dispor de uns escudos a favor da modéstia do nosso colega, «Voz de Melgaço», com dignidade, sem alsa modéstia, e sem alardes, e sem subterfúgios, ter-lhas-ia posto ao dispor, em nome da boa educação e do seu bairrismo.

É que os que trabalham nesta casa e que somos filhos de Melgaço, sem reservas do coração — isso é poesia e a jeito de político — não queremos a reprovação de Ayres de Gouveia, tão bem aplicada a certos moralistas dos nossos dias: «Ontem absolutistas, hoje constitucionais, amanhã republicanos, depois... e ontem, e amanhã, e depois e sempre, a bolsa do interesse aberta nas mãos e o cartaz da almoeda afixado na testa».

Isto, claro, se, a N. R. do colega local, é para nós, pois «A Voz de Melgaço» publicou as zincografuras dos deputados, menos a do Eng. Silva Das, por a não ter podido conseguir...

Júlio Vas

Nossos amigos

P.e ANTÓNIO DE BARROS

Foi nomeado pároco de Alvarado o nosso prezado amigo, P. António de Barros, que durante anos foi superior digníssimo do Seminário de N. Senhora da Conceição, em Braga.

P.e HENRIQUE OSÓRIO

Foi nomeado superior do Seminário Conciliar de Braga, o rev. Henrique Osório que foi bondoso e zeloso pároco de Alvarado.

Aos dois queridos amigos, os nossos cumprimentos.

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

O TEMPO E A AGRICULTURA

O Verão de S. Marti-
nho este ano teve duração
efémera.

A chuva que continua
a cair, com abundância,
faz crescer por toda a par-
te as pastagens tão neces-
sárias aos gados, e deixam
os campos de forma ideal
para as cavas do Outono.
É bom que os interessados
não esqueçam o rifão que
diz: — «Quando o Outono
for erveiro guarda para
Março o palheiro».

ENSINO PRIMARIO

A seu pedido foi exo-
nerada do Posto Escolar
do lugar da Vila, freguesia
de Castro Laboreiro,
a sr.a D. Florentina de
Jesus Aratijo.

MERCADO SEMANAL

Devido à chuva, que
caiu interruptamente du-
rante toda a tarde, esteve
pouco concorrido o mer-
cado semanal realizado
em 5 do corrente nesta
vila.

Eis os preços de alguns
productos expostos:

Milho alqueire (30 li-
tros) 84\$00; canteio, idem,
90\$00; feijão branco, meio
quarto (5 litros) 25\$00; fei-
jão mistura, idem, 18 e 20
escudos; feijão frade, idem,
15\$00; castanhas, idem, 8
e 10\$00; batatas, quilo, 2
escudos; cebolas, resta (2
quilos aproximadamente)
2\$50; galos entre 25 e 30\$;
galinhas entre 20 e 25\$00;
frangos entre 10 e 15\$;
ovos, dúzia, 14\$; maçãs,
idem, 2\$ e nozes, cento 4
e 5\$00.

Os porcos para criar
sofreram baixa em mais de
50 por cento. No entanto
os productos de salsiharia
continuam a vender-se pe-
lo preço do tempo das «va-
cas gordas», muito espe-
cialmente o toucinho que
no referido mercado se
vendeu a 18\$ o quilo. Foi
o preço que o cronista
pagou, se quis comer um
caldo adubado.

ROMAGEM AO CEMITÉRIO

Passou na terça-feira,
2 do corrente, o dia em
que a Igreja comemora os
fiéis defuntos. Nesta vila
celebrou-se comoveniente-
mente o acto no pretérito
dia 6, dia em que teve lu-
gar o aniversário das Al-

mas, tendo saído, de tar-
de, da Matriz a procissão
de romagem ao cemitério,
na qual se incorporaram
as Irmandades das Misericór-
dias e das Almas desta
vila. Devido à chuva, que
não cessou de cair em to-
da a tarde, foi pouco con-
corrida.

GRAVE DESASTRE DE VIAÇÃO

Pelas 23 horas do pas-
sado dia 1, deu-se no sítio
da Ponte de Mouro, Mon-
ção, um lamentável desas-
tre de viação no qual per-
deram a vida António Pe-
reira Baptista, de 36 anos,
proprietário do carro si-
nistrado, e Abílio da Cu-
nha, de 34 anos, ambos do
referido lugar da Ponte de
Mouro, e ficaram feridos
Manuel Afonso, também
de Ponte de Mouro, e Ma-
nuel Gonçalves, ajudante
de farmácia, de Valinha.

Segundo nos dizem, o
desastre deu-se no momen-
to em que os referidos si-
nistrados regressavam de
automóvel da feira anual
dos Santos, que costuma
realizar-se em Cerdal, Va-
lença, embatendo violenta-
mente o carro contra uma
camioneta que estaciona-
va carregada de tijolo no
referido lugar de Ponte de
Mouro, incendiando-se se-
guidamente.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Esteve entre nós o rev.
P. Albertino Pereira, de
Braga.

—Retirou para Lisboa
a sr.a D. Julieta dos Santos
Lima Las-Casas.

—Afim de concorrer
ao posto de 1.º cabo da
G. F., foi ao Porto osr.
António Napoleão Gonçal-
ves, muito digno soldado
da mesma guarda.

—Faz anos no dia 18 o
sr. dr. António Cândido
Esteves, abalizado clínico
desta vila.

—Também faz anos no
dia 21 o sr. Martins Lou-
renço, muito digno chefe
da P. S. P., na cidade do
Porto. A ambos enviamos
o nosso cartão de felicita-
ções.

GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

Estamos a 10 de No-
vembro e o racionamento
de Outubro findo, ainda
se não sabe quando será
distribuído. É como mui-
to bem diz o ilustre cor-

respondente del'Penso, na
sua correspondência para
o semanário local de 30 do
mês findo;—«Noutros tem-
pos mais alamitosos do
que hoje, os géneros de
mercearia apareciam por
aqui todos ao mesmo tem-
po e os consumidores re-
cebiam os sem interroga-
ção ao retalhista. Agora
se vem o bacalhau falta o
azeite e se vem este falta
aquele». — É de facto as-
sim. Com a diferença que
desta vez ainda não veio
uma coisa nem outra.

ROUBO

Dizem-nos que foram
roubados do Matadouro
Municipal, dois suínos que,
pelos vistos, tinham sido
regeitados pelo dr. vete-
rinário municipal, por os
mesmos estarem doentes.
Se isto é verdade, algué-
m lhes há-de comer a carne.
A carne e... até os ossos.
— C.

Rouças, 10

Continuam as chuvas
que muito vem beneficiar
as ervas e os pastos.

— Partiram para o Pa-
rá os sr.s. Mário Cardoso e
filha, Mésia, do lugar dos
Pereses. Boa viagem.

— Esperam-se por es-
tes dias, mais dois vagões
de milho para esta freguesia.
A Comissão composta
pelos sr.s. António Alves,
Martins de Barros, Olivei-
ra Salgado e Alfredo Afonso,
não se poupa a esfor-
ços para que tudo corra
da melhor maneira.

Deve estar aqui a 3\$00
o quilo, do continental e é
posto à disposição sem lu-
cro algum.

— Consta-nos que para
os lados dos Pereses já se
deu um assalto ao canastro
da sr.a Joaquina Fernan-
des, ainda doente no Por-
to. Não queríamos acreditar
que houvesse disto na
nossa freguesia.

— No próximo dia 27
começa a santa missão nes-
ta freguesia.

— Num dos sábados
as Senhoras professoras
deram um lauto magusto
às numerosas crianças
das escolas.

Foi uma linda manhã
de alegria.

— Começaram já os pre-
parativos para a sementei-
ra dos centeios, nos terre-
nos de milho

Mais Barato

Bom Sortido

LIVRARIA

DO

«Diário do Minho»

Chaviões, 9

Depois de um mês de
rosário, realizou-se solene-
mente nesta freguesia no
dia 30 do mês passado, a
festa a Cristo-Rei.

A preparação foi feita
durante o mês, pelo nosso
zeloso pároco, P. António
Domingues, que todos os
dias se fazia ouvir em
largas homílias.

No sábado 29, ao fim
da tarde, houve uma «Ho-
ra de Vigília» subindo ao
pulpito o rev. P. Carlos
Vaz, acipreste do nosso
concelho.

No domingo pela ma-
nhã, antes da comunhão
solene, as crianças da mes-
ma, junto à pia Batismal,
fizeram a renovação das
promessas do batismo. De-
pois da comunhão solene,
com as devidas formalida-
des seguiu-se a comuni-
hão geral, que, graças a
Deus, foi quase a totali-
dade do povo, que a ela
acorreu.

Seguiu-se a missa can-
tada pelas raparigas e ra-
pazes da Acção Católica,
e, no fim, na sala das ju-
ventudes, oferecida pelo
pároco desta freguesia, os
membros da A. C. ser-
viram às crianças uma li-
geira «parva». De tarde,
depois do juramento de
dirigentes das secções da
A. C., fez-se ouvir novame-
nte em longo sermão, o
Rev. P. Carlos Vaz, que
tem sido incansável sem-
pre que esta freguesia ne-
cessita dos seus présti-
mos.

Em seguida procedeu-
se a procissão Eucarísti-
ca, onde se incorporaram
além das crianças e dos
organismos da A. Católica
algumas dezenas de pes-
soas, revestindo-se assim
esta cerimónia de todo o
brilho que se esperava e
era digna.

No final, com a bênção
do S. Sacramento, na

igreja, como acção de
graças, terminou brilhan-
tamente a festa ao Rei dos
Reis. A parte coral, esteve
inteiramente a cargo dos
filhados na A. Católica,
que com muito brilho, sou-
beram acompanhar oportu-
namente com cânticos
próprios todas as cerimo-
nias realizadas.

No dia 28 do p. p., rea-
lizaram-se os exames das
crianças finalista do Cen-
tro Catequístico desta fre-
guesia. O júri, foi consti-
tuído pelo Rev.mo Arci-
preste, pároco, e uma cate-
quista. As examinandas,
em número de 16, todas
se houveram bem, fi-
cando 3 distintas e as res-
tantes aprovadas.

Realizou-se também,
na tarde do dia 1 do cor-
rente, pelo mesmo orador
dos dias anteriores, o ser-
mão pelas almas do Pur-
gatório, com elevada as-
sistência.

Para o comércio, seguiu
para Lisboa o mês passa-
do o menino Manuel Hen-
rique Vives, da Fonte.
Acompanhou o seu irmão,
José Alves, presidente da
J.A.C. desta freguesia, que
depois de 14 dias de está-
gio na capital do Império
regressou para junto dos
seus.

Também partiu para a
capital, para junto de seus
tios, D. Ermelinda de Jesus
Alves e Dr. Varela Sei-
xas, a menina Amélia de
Jesus Alves, da Portela.

No hospital da nossa
vila, deu à luz uma meni-
na a senhora D. Maria Es-
trela de Sousa, desta fre-
guesia. — C.

Prado, 9

Em 5 do corrente, teve
lugar a procissão do ani-
versário das Almas ao
cemitério desta freguesia,
tendo-se nela incorporado
muito povo.

— A passar uma tem-
porada, encontra-se na
casa da sr.a D. Albertina
Rodrigues, a sr.a D. Emi-
lia Rosa dos Santos, do
Porto.

— Também de visita a
seu irmão Manuel Gomes
de Sousa, muito digno ma-
rinheiro da nossa Arma-
da, vimos nesta freguesia
o sr. António Gomes de
Sousa.

— Tem experimentado
sensíveis melhoras, a sr.

Continua na 3.ª página

JUSTAS RECLAMAÇÕES

O Anti-Progresso em Cuba'hão!...

Vamos correndo para o N.º 12, do quarto ano da publicação do presente «quinzenário católico e regionalista» etenho acompanhado todos os números, em especial desde Setembro do ano findo. Vejo várias colunas preenchidas com artigos que merecem a máxima atenção, colaboram várias pessoas de todas as freguesias do nosso concelho de Melgaço, e defóra de Melgaço. São artigos assinados e redigidos, por Professores, Padres, empregados de Escritórios, e até por pessoas da classe agrícola. Uma freguesia há neste rincão do norte que tem a honra de pertencer ao mapa concelhio de Melgaço, a qual não tem correspondentes como as suas vizinhas. Agora antes que o meu querido leitor me faça a pergunta sobre qual a causa de esta faltar eu vou lembrar-lhe o motivo e causa que dão origem ao grande Anti-Progresso, e que leva Cuba'hão, a ser considerada analfabeto.

Eis a causa. Foi criada no lugar de Orjaz desta freguesia uma

escola oficial nos anos 1917 a 1918, em casa do Sr. Manuel Domingues (Sargento), provisoriamente, para mais tarde ser transferido para a sede. Com a construção do Edifício Escolar, que foi construído no ano de 1936, foi criada a escola oficial com professora da mesma, muito digna Senhora Professora R. Duartina Domingues, irmã do Sr. Abílio Domingues, digno Delegado Escolar deste concelho. Mais tarde foi substituída pela Senhora D. Maria da Glória Abreu, também Professora Oficial.

Durante a sua permanência, as duas Senhoras, nesta freguesia, trabalharam valorosamente, pois as crianças nunca tinham visto letras.

Em certa altura, por falta de numero suficiente de crianças, para a escola oficial, ou por falta de frequência, passou de Escola Oficial, a Posto de Ensino. Foi este o primeiro golpe que levou Cuba'hão. Desta transferência resultou o que agora vemos. E que vemos nós? Vemos o Posto fechado há quatro anos lectivos. E'

justo que não havendo numero suficiente para a escola oficial, passe a Posto, mas o mais é que não está certo. Veio pois abrir o Posto a menina Afra Gomes Pinheiro, natural de S. Paio, deste concelho, que também desempenhou a sua missão muito bem. Merece parabéns. Esta menina, passados alguns anos lectivos, pedia transferência para Prado. Foi-lhe concedida; e, o Posto foi dado à menina Flávia Gregório, natural da Vila de Melgaço, até esta data. Não menciono os nomes de duas Regentes que também tiveram a seu cargo este Posto, cada uma seu ano lectivo, como agregadas. Tenho apenas a dizer que foram muito aptas nas suas funções. Mas como ia dizendo, o Posto está a cargo da muito digna Regente Flávia Gregório, que nos merece também toda a consideração e respeito. Agora o meu querido e amável leitor pergunta a razão porque o Posto está fechado há quatro anos, e o Posto tem Regente efectivo? Eu respondo: é o Art. único do Decreto-lei n.º 33.160 que leva as Regentes a requerer para uma Escola Oficial, quando estas estejam sem professora. E ao abrigo deste artigo, eis Cuba'hão sem aula, eis Cuba'hão anti-progressivo intelectualmente.

É verdade que há muita falta de professorado, mas também será justo repartir o mal pelas aldeias.

Enfim, caro leitor, es-

Prado, 9

Continuação na 2.ª pág.

D. Hermezinda Solheiro Estêves, da casa da Barroada, com o que muito folgamos.

—Cumprimentamos nesta freguesia o nosso querido amigo sr. António Napoleão Gonçalves, zeloso soldado da G. F. em serviço no posto de Pousa-Foles.

—Tem sido muito concorrida a novena das Almas que se vem realizando na paróquia desta freguesia.

crevi este artigosinho não com a intenção de melindrar quem quer que seja mas com paixão pelas letras; já viste algum Professor, algum guarda Republicano, Fiscal, ou Florestal, algum Oficial do Estado, que seja filho de Cuba'hão? Não.

Pois é a falta da instrução primária. Até aos cadastros Eleitorais se vê que a maior parte dos eleitores são contribuintes; e se alguns há, de ler e escrever, graças ao Senhor Padre José Cussódio Domingues que por favor ensinou muitos rapazes, quando nesta freguesia paróquia.

Pede a quem de direito justo protecção.

Manuel Peretra

—Foi hoje o funeral d'innocentinha Maria Odet Afonso, de 5 meses, filha da sr.a Júlia Afonso, de Santo Amaro. Sentimos.

José Gonçalves

Na cidade de Évora fez exame para primeiro cabo da G. F. o nosso querido conterrâneo, e prezado assinante, José Gonçalves, em serviço no posto da Aldeia Nova de S. Bento, no Bairro Alentejo.

Parabens pela boa classificação.

Vai fazer trabalhos

tipográficos?

Não deixe de consultar os preços da tipografia do

«Diário do Minho»

FOLHETIM DE «A VOZ DE MELGAÇO» (6)

REI OU IMPOSTOR?

CRONICA PORTUGUESA por J. T.

IV

Desembarcou enfim a expedição portuguesa, e lá está acampada fora de Arzila, mas cerca dos muros da praça! Que de perplexidade, que de conselhos, sobre o caminho que levará agora! Ali a veem os moiros, e não se empenham muito em encomodá-la. Contam com melhor ocasião, quando mais tarde se internar no país, e não tiver a retirada tão bem guardada pela praça e pela armada que espera no porto.

Antes que a expedição se puzesse em marcha, apenas houve com os moiros do Maluco um recontro, de que logramos vitória, a umas cinco léguas do acampamento, em que se

levou quase todo um dia, e que D. Sebastião não se esqueceu de comemorar, como prenuncio doutras vitórias, na carta que de Arzila, a 26 de Julho, o participava aos governadores do reino.

Era preciso marchar ao encontro do inimigo, sob pena de ter sepultura ingloria no mesmo acampamento, porque toda a demora prejudicava mais as circunstâncias em que se achava o nosso exército.

Ouvindo conselho, escolheu D. Sebastião levantar campo, e dirigir-se a Larrache, tomando primeiro pela cidade de Alcacer-quivir, a nove léguas de Arzila, de oito a dez mil habitantes, porém mal fortificada, de que tencionava

va senhorar-se, e fazer della ponto de apoio.

Tudo está a caminho no dia 29 de Julho. Movem-se mil e quinhentos cavalos, e vinte mil infantes, sem falar nos gastadores. Quase outra tanta multidão de gente inutil, mas dependente, acompanha o exército. E' mais um grande mal para elle, porque, aumentando o consumo, lhe abrevia os mantimentos, e em qualquer acidente multiplicara tanto a desordem e confusão, que tudo com ella será perdido!

Rompe a marcha descobrindo campo o adail de Tanger, com cem de cavallo. A infantaria marcha formada em esquadrões, repartidos em vanguarda, corpo de batalha e reataguarda, em distancia que possam mutuamente occorrer-se. Acompanhado da gente de Tanger, vai na frente D. Duarte de Me nezes. O rei, assistido de Cristóvão de Tavora e de Jorge Telo, que leva o guião, discorre com ligeireza por todas as partes,

para prover o necessário. A cavalaria cobre os lados da infantaria.

Que pena ver ali arrastada a flôr, a esperanza de uma nação inteira, ao sacrificio sanguinolento duma guerra temerária e impolitica; a mitigar com sangue a secura dos campos adustos de Africa! A violencia obriga a maior parte dos que marcham: poucos vão seduzidos pelo fanatismo, pela complacência, ou pela vontade independente; todos caminham a perder-se!

No primeiro dia pouco avançou o exército. Teve que acampar no sitio dos Moñhos, a uma légua de Arzila. O segundo acampamento, no dia seguinte, foi em Almenara, distante duas léguas da praça. O terceiro foi a três léguas do segundo, entre três caudalosos ribeiros, donde na manhã de 2 de Agosto saiu o exército em direcção a Alcacer, e antes de lá chegar, fez quarto alojamento no Sobreiral.

Caminhavam de novo. De-

pois de encontrados parecres, porque Muley Hamet tinha caminhado com o corpo que comandava mais pela direita, em direcção à ponte do rio Almahazen, descobrindo cerca dela o inimigo, o grosso do exército retrocedeu, e veio passar pela ponte. Não teria ainda caminhado meia légua além della quando se lhe apresentou um esquadrão inimigo de dez mil cavalos, cujo designio parecia ser acometer a nosso retaguarda, que comandava Vasco da Silveira e Diogo Lopes de Sequeira. Conhecendo, porém, que nos preveniamos contra ele, retirou-se, deixando sem opposição que o exército português estacionasse num lugar conveniente e coberto.

(CONTINUA)

Coura

visita Melgaço

No passado dia 1, veio até nós, em lúvida embaixada de amizade, alegria e arte, o orfeão de Coura e respectivo Grupo Cénico.

Acompanharam-no vários amigos nossos, entre os quais abraçamos os rev. dos srs. abades da vila de Coura e Castanheira.

O Teatro da nossa vila registou uma das suas grandes enchentes tendo ficado muitas pessoas, sem lugar. Ali se encontravam as Autoridades da nossa terra, srs. Presidente da Câmara, Delegado do Procurador da República, Provedor do Hospital, etc.

Entre a assistência, muitas Senhoras e Meninas da nossa melhor sociedade.

Foi o orfeão apresentado pelo rev. Arcipreste que em nome do Melgaço saudou aquela lúvida embaixada e a terra amiga que nos vinha abraçar.

Agradaram-nos muito todos os números do Orfeão e consideramos obra admirável a que o rev. abade de Castanheira conseguiu dos rapazes sem cultura musical.

Cantar assim, trechos a 3 e quatro vozes, não é fácil. Agradou plenamente o grupo cénico.

Os nossos ilustres hospedes entregaram 200\$00 para o hospital da Vila de Melgaço, gesto que muito nos cativou.



LI - PADERNE

IMPRESSÕES DE UMA VISITA

Foi em três de novembro que fomos a Paderne.

Eu gosto muito de visitar os monumentos da nossa terra e Paderne sobretudo por se estar a restaurar.

Depois de abandonar a estrada nacional em Prado, a gente tem de avançar com muito cuidado. A estrada anda em obras. Para o saber não se precisa da tradicional sinalização na bifurcação. A gente bem vê. Vá lá, senti-me satisfeito por ser do número dos que clamaram em prol da reparação desta estrada.

Dou por esquecida a arrelia de ter de arrastar a motocicleta para entre dois montes de cascalho ao cruzar com um camião, só pelo prazer de num futuro próximo poder dirigir-me a Paderne com mais comodidade.

Paderne tinha movimento nesse dia, dois movimentos em contraste bem flagrante e destoante cá no meu modo de pensar.

All, naquela rampa frente ao adro, realizava-se a feira quinzenal de gado, por sinal bem concorrida. Dentro, no cemitério, muita gente visitava as campas de seus mortos e realizava-se a procissão de *Fieis Defuntos* presidida pelo Rev. Prior acompanhado de vários sacerdotes e confrarís.

Dois movimentos, dizia eu, um da matéria outro do espírito, um dos interesses mundanos outro dos interesses eternos e sobrenaturais. Enquanto se agarram uns aos negócios instáveis do mundo procuram outros espalhar seus olhares por horizontes mais dilatados à luz da fé.

Contraste flagrante para a quem pensava encontrar Paderne naquela calma de tantas outras vezes que lá tem ido. Senhores que superinten-

dels, Junta ou Câmara, ou ambas, arranjal outro lugar para a feira do gado que, aquele é acanhado e impróprio. Tam acanhado que a gente mal podia passar e sempre em perigo de ser magoado ou... ficar com o fato inutilizado. Lugar impróprio, ali frente ao velho e histórico monumento que e muitos turistas vão visitar já pelo impedimento de trânsito já pelo estado em que fica.

Depois, Senhores, transferi o cemitério, que julgo ser acanhado para tamanha freguesia, para que os turistas não tenham de andar pelo meio ou sobre as campas para bem observar o melhor monumento de antiguidades da nossa terra, que me parece ser o templo de Paderne.

As obras de restauro vão continuando. Aqueles assentos de que falei há tempos, aos lados da Igreja, passaram à história... ou talvez passarão ao lume. O pavimento da Igreja, que havia sido aterrado para comportar as sepulturas, baixou ao nível primitivo, ficando nos a descoberto assentos de pedra por baixo dos que há alguns séculos se fizeram de madeira.

Não acho razoável o modo como se deixa o pavimento. Modos de ver e de pensar. Se o templo fosse todo restaurado à primitiva deveria ficar o pavimento em ladrilho de pedra. A ficar como está, com as divisões sepulcrais em pedra e campas de madeira, melhor seria soalhado a tacos para comodidade do povo. Estas contas não são do meu rosário. Exprimo o meu modo de ver e pensar e julgo que ninguém me mandará prender por isso.

No restauro dos monumentos aparecem suas surpresas, e por vezes bem interessantes. Uma se nota agora no canto do coro, contra o convento.

Pelo meio da parede sob uma escada de caracol que noutros tempos daria acesso ao campanário cuja situação foi talvez sobre a frente junto à esquina daquele lado. Esse campanário terá desaparecido em data não muito remota, pois a torre mostrava-se já remendo muito mal adaptado.

Voltarei a falar de Paderne na próxima crónica, fornecendo alguns dados interessantes para a sua monografia.

BERNARDO PINTOR

Loduvina Martins
Dentista
Consultas em Monção

Mário, todas as Sextas e Sábado

A romaria da Peneda

e mais as outras...

Passados são já dois meses sobre a última romaria da Peneda, das mais concorridas do Minho e aquela que nas nossas proximidades enverga a camisola amarela se quisermos aproveitar o termo.

O Santuário da Peneda, como oásis no deserto, é uma maravilha do engenho humano levantado ali entre a rudeza de altos montes.

A vida religiosa do Santuário ressentiu-se da frieza de certos ventos que sopraram em Portugal no século passado.

Largas foram as vistas daqueles que se debateram pelo seu progresso e engrandecimento nos séculos 17 e 18. Ultrapassando os limites do velho concelho do Soajo, de que se desmembrou a freguesia da Gavieira possivelmente no século 16 depois do Concílio de Trento, o Santuário da Peneda era querido e acarinhado pelo povo do Alto-Minho. No dia em que retomarmos o caminho que levava, a Peneda será um Santuário arquidocesano.

Após a última romaria o Sr. correspondente dos Arcos de Valdevez para o «Comércio do Porto» enviou àquele jornal uma correspondência em que fazia à mesma as suas apreciações pouco lisonjeiras.

Resumindo toda a correspondência, vê-se que o referido correspondente está convencido de que a romaria da Senhora da Peneda decaiu, os rendimentos diminuem, e naturalmente o Santuário virá a arruinar-se, devido ao modo como os mesários conduzem as coisas, aplicando a disciplina eclesiástica.

O quinzenário «A Vanguarda», dos Arcos, publicou uns reparos feitos a essa correspondência pelo Secretário da Mesa, o correspondente de «O Comércio do Porto» fez reparos a esses reparos, e o Secretário da Mesa procurou de novo esclarecer as coisas rebatendo a exposição do correspondente.

Ao par de tudo isto, não quero dizer nada sobre a questão posta no terreno dos Arcos.

Como, porém, o assunto foi trazido para a nossa terra, queria dizer alguma coisa se é lícito falar a um devoto da Senhora da Peneda em cujas veias corre o sangue dos artistas que levantaram o grandioso santuário, se é lícito falar a quem passou parte da sua infância na Peneda e tem a mãe e avós sepultados à sombra do magestoso monumento que a devoção de nossos antepassados ergueu à glória da Mãe de Deus.

E' o caso que o «Notícias de Melgaço», pela pena de Zeca Nivete, transcreveu a referida correspondência acrescentando-lhe uma apreciação bem despida de espírito conforme à disciplina da Santa Igreja.

Não vou estabelecer uma polémica sobre o assunto nem dizer mal do «Notícias de Melgaço» que para mim tem a grata recordação de ser onde me estreei a escrever para público e é um semanário que, embora tenha o rótulo de independente, várias vezes se tem afirmado católico.

Não vou atacar o Sr. Zeca Nivete. Eu não sei quem seja, mas deve ser qualquer melgacense e basta isso. Vivendo fóra de Melgaço, eu amo a nossa terra e toda a sua gente.

O que este Senhor disse, mais gente o tem dito ou pensado, não só da romaria da Peneda mas também das outras romarias e festas religiosas da nossa terra e mais das outras terras.

Não vou, pois, discutir nem ferir ninguém, mas apenas conversar, falar da romaria da Peneda à face dessa crítica feita na nossa terra, focando todas as nossas romarias e o restauro de que precisamos.

Riba de Mouro, 9 de Novembro.

P.e Bernardo

(Continua)

Do alto do Pernidelo

(Continuação da 1.ª página)

A estrada requer um sacho bem-fazejo, sobretudo nesta época em que somos visitados por grande número de forasteiros.

Com o exposto conclui-se sem dificuldades que a macadamização da referida estrada, que agora, graças à diligência e brio baírrista de quem se acha ao leme do Município, se está a substituir, durou apenas trinta e três anos.

Trinta e três anos... Duração efémera, para uma via, cujo trânsito de veículos não tem sido muito intenso.

Consequências da incuria... Urge que desta vez se adoptem medidas acertadas para prolongar a conservação daquela artéria e não estarmos sujeitos a vê-la mais uma vez no deplorável estado a que chegou, antes de baixarmos, à cova.

Mário